

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte *O Estado de São Paulo*

Class.: *78*

Data *25 de março de 1975*

Pg.: *78*

Funai pode punir missão religiosa

ESP-25, B, 75

YANOMANIS

Des Correspondentes em
BOA VISTA e MANAUS

Uma visita de surpresa do presidente da Funai, general Ismarth de Araujo, à missão religiosa que assiste aos índios yanomani, em Roraima, deixou o general irritado e disposto a punir os missionários se "a exploração continuar, com os índios desassistidos e morrendo de fome e tuberculose". Outra decisão de Ismarth de Araujo foi a de apressar os estudos para delimitar, imediatamente, a reserva dos yanomani.

O presidente da Funai chegou cedo e inesperadamente à Missão Novas Tribos do Brasil,

protestante. Recebido pelo irmão Carlos Zanquini, sua primeira surpresa foi encontrar índios que não falam o português, apesar de manterem contatos regulares com os brancos há 10 anos, e despidos, embora a Funai envie roupas às missões. O irmão Carlos, sem jeito e nervoso, justificou que os yanomani não se acostumam com roupas. Mas, no meio da conversa, uma pequena índia aproximou-se de um dos membros da comitiva de Ismarth e, através de gestos, pediu-lhe a camisa, indicando que estava com frio.

"Os índios pedem muito e nunca ficam satisfeitos com o que recebem, apesar do meu tratamento paternal para com eles" — investiu o missionário, sem convencer, contudo, pois um diretor da Funai diria mais tarde: "Os missionários não permitem que outras pessoas, estranhas à missão, deem nada aos índios. Eles fazem isso para que o índio passe a confiar nas suas intenções, nem sempre honestas e reais". Até aí, o missionário esforçava-se em pintar um quadro favorável a seu trabalho, mas o general Ismarth de Araujo já revelava insatisfação e quis ver a grande maloca onde se comprimem os 53 yanomani.

"Isso aqui é uma imundície, uma vergonha" — foi sua primeira reação. Enquanto percorria a maloca e criticava o que via, Ismarth dava ordens a que providências sejam tomadas. A partir daí, a situação complicou-se mais para o missionário.

— O que os índios produzem? — perguntou o general. O irmão Carlos respondeu:

— Os yanomani pouco fazem de produtivo, não são agricultores e só trabalham quando bem entendem. E dizem que isso não é permitido pelos espíritos bons. A única coisa que eles fazem são peças de artesanato, as quais são vendidas.

— Vendidas a quem?

— Para nós, porque não são grandes coisas.

— E o dinheiro, para onde vai?

— Vai para o Banco Catrimani.

A inevitável pergunta de que estranho banco era esse, o missionário conduziu o presidente da Funai até um barracão, onde mostrou um fichário, alguns cartões e explicou:

— Fiz esses cartões e toda vez que eles fazem um trabalho, pagam com um novo cartão, que é aberto". No verso

dos cartões, bolinhas vermelhas, amarelas e azuis representam o valor do dinheiro. Segundo o irmão Carlos, todo índio que trabalha para a missão recebe um dos cartões e, no fim da semana ou do mês, troca-os por presentes, remédios ou roupas — doados pela Funai e pela Central de Medicamentos. O presidente da Funai voltou às perguntas: "E as peças de artesanato?"

Sem saber o que responder, irmão Carlos convidou todos para almoçar.

TUBERCULOSE

Os aborrecimentos do presidente da Funai não acabariam no Catrimani. Na Missão Ajarani, também na zona de influência da rodovia Perimetral Norte, ele comentaria: "Tudo isso aqui foi feito em proveito de terceiros, e nunca para beneficiar o índio". Em Ajarani, os diretores da Funai comprovaram que vários índios estão gripados e outros tuberculosos. Amanhã, o general Ismarth de Araujo regressa a Manaus, de onde comanda o trabalho de quatro equipes que estudam a situação dos índios do Amazonas, Roraima e parte do Pará. Na quinta-feira, será aberto um seminário com as missões para discussão de seu trabalho junto aos índios.

Cimi não discute as divergências

Da Sucursal de
BRASÍLIA

Uma reunião geral do Conselho Indigenista Missionário, marcada para o dia 23 de junho, em Goiânia, deverá consolidar a configuração definitiva do Cimi, órgão oficial da CNBB, e discutir seu relacionamento com a Fundação Nacional do Índio que, ao contrário do que ocorreu no início do novo governo, tem sido bastante tenso. Assim, o Conselho ignora a reunião que a Funai promoverá em Manaus com missões da área.

Fontes ligadas aos missionários afirmam que, desde janeiro, as divergências entre a Funai e o Cimi vêm se acentuando, especialmente depois que o governo anunciou possíveis alterações no Estatuto do Índio, mesmo antes, segundo os missionários, dele ter sido colocado em prática.

Contrariando a posição de técnicos indigenistas, o Cimi opõe-se a transferência dos krahncarores para o Parque Nacional do Xingu. Para o presidente do Conselho, padre Vicente Cesar, a medida abriu um precedente perigoso para a adoção da mesma medida junto a aquelas tribos que dificultam a expansão de projetos econômicos na Amazônia.

Outra medida que não agradou aos missionários foi o incentivo ao êxodo de jovens índios xavantes para Brasília, onde estão servindo na base local da Marinha. Segundo o Cimi este é um fator que contribuirá para a desagregação tribal.

COESÃO, AINDA

Dentro do próprio Conselho o relacionamento entre seus diversos membros modificou-se bastante. No início da administração do general Ismarth de Araujo Oliveira, enquanto uma ala mais radical de missionários insistia em criticar a política oficial da Funai, o presidente do Cimi buscava maior aproximação com o órgão oficial, tendo, inclusive viajado várias vezes com o general Ismarth para áreas indígenas.

Nos últimos meses, no entanto, a cúpula do Cimi tem estado coesa ao denunciar problemas com índios em várias re-

giões do País e seu presidente chegou a declarar que, na sua opinião, a Funai "está colocando panos quentes na situação ou querendo tapar o sol com a peneira".

Nesta semana, missionários afirmaram em Brasília que o encontro marcado para Manaus, entre a Funai e missões religiosas, terá êxito relativo, já que ninguém do Cimi estará presente e as prelações católicas do Alto Solimões, rio Negro e Roraima manterão atitude de reserva com respeito à Funai.